

A IMPRENSA ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO DIANTE DA REVOLUÇÃO MEXICANA – ANOS 1910

SERGIO LUIZ MONTEIRO MESQUITA*

Entre as revoluções que contribuíram para tornar o século XX um período de intensas lutas políticas e sociais, a Revolução Mexicana não fica entre as menores. Ano passado, ela completou um centenário, e a passagem do tempo só faz consolidar a percepção de sua importância, inclusive pela permanência, no México, de muitos dos problemas e contradições que deram origem, no passado, a esse evento histórico. Por outro lado, ela repercutiu também internacionalmente, em particular sobre o pensamento social e as estratégias políticas em outras sociedades.

Procurando avaliar, no Brasil, a influência da Revolução Mexicana, desde o seu início, como estímulo e exemplo de ação para os militantes de esquerda brasileiros, propondo que ela foi efetiva, cremos pertinente estudar o alcance de tal influência. Trazemos aqui os resultados parciais de uma pesquisa que empreendemos, a qual tem como tema a relação entre o movimento anarquista no Rio de Janeiro e o processo revolucionário mexicano durante seu desenrolar no início do século XX. Esta pesquisa teve início no âmbito de nossa participação no Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, ligado à Federação Anarquista do Rio de Janeiro – FARJ; tal núcleo se dedica aos estudos sobre o anarquismo no estado do Rio de Janeiro. Baseamo-nos, para os nossos fins de pesquisa, nas edições de dois jornais de tendência anarquista, *A Voz do Trabalhador* e *A Guerra Social*. *A Voz* surgiu em 1908, como resultado das resoluções tomadas por militantes operários reunidos no I Congresso Operário Brasileiro, realizado no ano de 1906, na intenção de dotar a também fundada COB (Confederação Operária Brasileira) de um órgão de imprensa próprio. Tal foi a função de *A Voz do Trabalhador*. O jornal conheceu duas fases de publicação, a primeira de julho de 1908 até dezembro de 1909, a segunda de janeiro de 1913 até meados de 1915. Quanto à *Guerra Social*, foi um periódico criado no Rio por um grupo de militantes de mesmo nome, parte dele radicado nesta cidade, parte em São Paulo, e durou entre 1911 e 1912. Portanto, foi possível encontrar matérias sobre a questão do México em boa parte do período da

* Mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

revolução, utilizando estes dois jornais, que têm coleções disponíveis na Biblioteca Social Fábio Luz, no Centro de Cultura Social localizado no bairro carioca de Vila Isabel. O trabalho com fontes de imprensa produzidas pelo movimento operário revolucionário, e especificamente pelo movimento anarquista, pode apresentar a dificuldade das lacunas na sequência dos periódicos, ocasionada pelo extravio de algumas edições, ou a mutilação de exemplares, mercê de diversas causas, uma delas a destruição advinda da atividade repressora. Existe também o problema da costumeira pouca duração das publicações, acossadas em sua existência pelas condições precárias do contexto no qual eram produzidas e pela constante hostilidade que sofriam, por parte de seus adversários. Por outro lado, trabalha-se com um importante mostruário do pensamento social e da ação política, oriundo dos extratos politicamente marginalizados da população brasileira de então e que adotaram a radicalidade para encaminhar seus interesses. A imprensa anarquista foi, na época que enfocamos, uma produção rica, variada e expressiva, segundo Boris Fausto inovadora e mesmo insólita em seu conteúdo (FAUSTO, 1983:91), além de um instrumento poderoso de aglutinação, formação, organização e propaganda do movimento e das idéias ácratas. Daí, constituiu-se em preciosa fonte para estudos sobre o anarquismo brasileiro em geral, como os dois jornais em questão. Inclusive, numa afirmação, Fausto abrange estes dois veículos em que nos baseamos para este estudo, ao referir-se à questão da longevidade dos periódicos da numerosa imprensa anarquista do período: “Nenhum jornal explicitamente anarquista do Rio de Janeiro (*Novo Rumo, A Guerra Social, Na Barricada*) conseguiu manter-se por muito tempo, com a exceção significativa de *A Voz do Trabalhador*.” (FAUSTO, 1983:94). Trabalhamos, assim, com a exceção felizmente significativa em termos de duração, embora esta tenha se encerrado em 1915, quando ainda lavrava a luta revolucionária mexicana, a par de um periódico, também citado, que seguiu a regra da brevidade de existência, e que, no entanto, por compensação, nos brindou com um volume maior de textos acerca da revolução.

Seria de utilidade dizer algumas palavras sobre a Revolução Mexicana antes de entrarmos diretamente em nosso assunto, no sentido de nos situarmos melhor nele. A grande convulsão social e política que se desenrolou no México nos anos 1910 foi potencializada por mudanças estruturais ocorridas no país durante essa época. Fatores novos e poderosos deram amplitude ao movimento: o avanço das relações capitalistas,

impulsionado pela modernização da infraestrutura e pelo crescimento da indústria e dos serviços. Tais fatores deram maior presença na vida nacional aos setores burgueses e ao operariado, sendo que uma parte deste segmento foi atraída para a militância em diversas vertentes do socialismo, inclusive o anarquismo. À época, a república mexicana era governada pelo ditador Porfírio Díaz, chamado “O Presidente Perpétuo” devido à sua continuidade por décadas no poder, vencendo eleições fraudadas e controlando com mão de ferro todas as instâncias do governo. O descontentamento da oposição a esse estilo de governo acabou por articular, no início da década, uma tentativa armada de derrubar o velho presidente. Tal rebelião eclodiu no princípio sob a forma de uma luta de fundo político-institucional, dentro das modalidades de luta política usuais em outras repúblicas oligárquicas latino-americanas, até mesmo no que tange ao recurso às armas. Seu principal líder, Francisco Madero, conseguiu expulsar Díaz do poder e assumir a presidência. Contudo, as hesitações de Madero em ampliar a conquista, atendendo aos interesses das classes menos favorecidas e prosseguindo no desmonte do Estado porfirista, corrupto, reacionário e repressor contumaz, permitiram sua própria queda. Um golpe de Estado, chefiado por Victoriano Huerta, antigo general porfirista, levou a uma luta mais acirrada pelo poder no México. A oposição tradicional, que se mobilizou contra o golpe, o fez em nome do respeito à Constituição e aos direitos de inspiração liberal. Porém, outros elementos de luta vinham à tona: as reivindicações dos camponeses, operários e indigentes do campo e da cidade. Principalmente no campo, a luta social se ampliou: o problema camponês de acesso à terra e o acesso à terra e o da exploração sufocante por parte dos “hacendados” (grandes fazendeiros) fez com que a população rural se envolvesse ativamente nas batalhas da revolução. Esta representava a oportunidade de reverter a injusta divisão da terra que concentrava cada vez mais a propriedade nas mãos de pouquíssimos latifundiários e empresas, e de obter direitos para o proletariado rural e os pequenos proprietários, oprimidos pelas dívidas, pelo excesso de trabalho e pela truculência dos grandes senhores e da polícia rural a serviço do Estado. Além disso, os grupos indígenas que tradicionalmente mantinham, a duras penas, a posse de suas terras comunais, viam-se progressivamente premidos pelas manobras de expropriação desenvolvidas pelo Estado, pelos “hacendados” e por empresas, muitas delas estrangeiras, como as norte-americanas. Nesse sentido, a exploração capitalista e a política repressiva do Estado

eram vistas, por estas comunidades de origem pré-colombiana, como continuidade histórica da violenta conquista espanhola no México. A colocação na ordem do dia dessas problemáticas básicas infundiu um caráter incendiário à revolução, fazendo-a destacar-se entre os grandes conflitos ocorridos neste continente. Dentre as forças políticas que se envolveram no processo em questão, no México, os anarquistas tiveram uma participação intensa e relevante (WOODCOCK, 2006:210-211).

Desde os primeiros anos da revolução, colaboradores da imprensa proletária no Rio observavam, sob os aspectos episódicos do conflito mexicano, o fundo social da luta dos trabalhadores radicais. Portanto, buscavam levar a seus leitores essa compreensão, desfazendo o quanto possível as visões, consideradas superficiais e de cunho conservador, transmitidas pela grande imprensa brasileira. Dizia *A Voz do Trabalhador*, no começo de julho de 1913:

“De vez em quando os jornais burgueses publicam telegramas, recebidos por vias indiretas, noticiando uma ou outra batalha no México. Essas notícias, para quem não acompanhou o movimento desde o começo, podem levar a crer que a revolução no México é feita com impulsos espasmódicos, que o governo consegue abafar imediatamente. Puro engano. A revolução, iniciada há três anos com a queda de Diaz, continua até hoje com a mesma intensidade, e não cessará, embora apareçam ‘salvadores da situação’ como Madero e Huerta, enquanto os *peones* não obtenham o que tanto sangue lhes custou: a restituição das terras que lhes foram roubadas” (A VOZ DO TRABALHADOR, 1/7/1913:3).

Vemos nas colunas dos jornais ácratas o interesse, a simpatia e o apoio à revolução. Questão importante é determinar que aspecto da revolução provocava estas reações, e que revolucionários especificamente gozavam delas. Fica evidente a opção pelos interesses populares, sendo que os representantes considerados legítimos desses interesses eram: os camponeses que lutavam mais ou menos autonomamente, e, junto a estes, os anarquistas integrados no movimento magonista, cujo nome deriva do seu principal propagandista e porta-voz, Ricardo Flores Magón. Este militante, seus irmãos e outros militantes de destaque constituíam o núcleo mais ativo do Partido Liberal Mexicano, no qual se agregavam militantes anarquistas do país.

Entre os diversos movimentos camponeses agindo na revolução, notabilizaram-se dois: um ao norte do país, sob a chefia de Pancho Villa, e outro ao sul, marcadamente indígena, cujo líder mais importante foi Emiliano Zapata. Embora ambos os movimentos fossem oriundos do que seria a mesma classe social, o campesinato, as diferenças entre eles e o próprio contexto da luta não permitiram uma aliança sólida

entre ambos. Quanto aos magonistas, estes apoiaram e batalharam em prol dos interesses dos desfavorecidos do México. Mas, do mesmo modo que os camponeses, não conseguiram contar com uma aliança com os trabalhadores urbanos em geral. Os operários organizados preferiram, na maioria, lutar por suas próprias reivindicações em outro campo, apesar de boa parte do programa magonista voltar-se para essas reivindicações. Os anarquistas mexicanos obtiveram um bom entendimento e alguma colaboração mais efetiva apenas com o movimento zapatista, o qual contava com militantes e simpatizantes do magonismo em suas fileiras, alguns em posições de importância.

Um grande ponto de apoio oferecido pela imprensa ácrata do Rio de Janeiro consistiu na propaganda e na defesa da credibilidade do periódico *Regeneración*. O *Regeneración* foi órgão do Partido Liberal Mexicano, de tendência anarquista, e o grande porta-voz dos libertários mexicanos do período (SAMIS, 2003:13-21). Nisso se inclui a publicação e o comentário das notícias vindas neste periódico; o anúncio de suas iniciativas; pedidos de auxílio, seja por doações, seja por compra de seus exemplares, colocados à disposição em redações de jornais anarquistas. Como um testemunho adicional do valor desse porta-voz da revolução, os dois veículos em questão divulgavam as posturas e o trabalho dos responsáveis pela feitura do periódico, tais como os irmãos Flores Magón, o desenhista Firmín Sagrista, o poeta Praxedes Guerrero etc.

Provavelmente utilizando como fonte principal de informações o *Regeneración*, eram publicadas no Rio pelos dois periódicos anarquistas as notícias dos feitos das forças populares na guerra civil do México. Nelas, surgiam com destaque as ações dos peões e dos indígenas, principalmente os zapatistas, atacando comboios e tropas, ocupando cidades e fazendas, apossando-se de e dividindo as terras. Mesmo a dificuldade normal de comunicações, acrescida dos obstáculos causados pela destruição e pelo tumulto da batalha, era driblada no possível pelas informações que os grupos revolucionários conseguiam passar entre si no México e repassar ao exterior, incluindo os grupos no Brasil. Tais façanhas dos revolucionários das classes populares eram apontadas como exemplo para os militantes brasileiros.

“Segue por diante, cada vez mais firme e mais forte, o movimento revolucionário que os nossos irmãos, os proletários mexicanos, vêm sustentando, há dois anos, contra a burguesia exploradora e prepotente daquele território.

“Com um caráter francamente expropriador, esse movimento merece toda a simpatia e toda a solidariedade dos homens livres.

“Os trabalhadores que nas montanhas do México plantaram a rubra bandeira da reivindicação, ao grito de *Terra e Liberdade*, estão dando um alto exemplo de coragem e decisão aos trabalhadores de todo o mundo e muito especialmente aos da América” (*A VOZ DO TRABALHADOR*, 1/2/1913:3).

E na edição da segunda quinzena de março do mesmo ano, conclamava: “O proletariado do Brasil deve seguir o exemplo do proletariado do México. Devemos secundá-los nesta batalha decisiva. Preparemo-nos, trabalhadores!” (*A VOZ DO TRABALHADOR*, 15/3/1913:3).

Vê-se a ênfase no papel dos revolucionários mexicanos como estímulo à ação da militância brasileira, apresentando aí o seu mérito como exemplo da possibilidade de vitória dos trabalhadores, significando que, mesmo ocorrendo no distante México, essa disposição de combate, apesar das inegáveis diferenças entre os países, merecia ser imitada na realidade brasileira de então.

A defesa da causa desses revolucionários estendia-se no contra-ataque aos detratores e aos adversários dos “irmãos” mexicanos. As críticas mais contundentes e as mensagens mais ásperas tinham como alvos as burguesias mexicana e norte-americana, bem como seus respectivos governos. Entre 8 e 18 de fevereiro de 1913, acontecia na Cidade do México a “*Decena Trágica*”: uma tentativa de quartelada realizada por três generais redundou numa carnificina em que cerca de duas mil pessoas pereceram e seis mil acabaram feridas. Na esteira desta matança, o general Huerta, que fora convocado pelo presidente Madero para debelar a rebelião militar, aliou-se aos revoltosos, saudosos do porfirismo, e desfechou um golpe de Estado. O presidente Madero, seu vice-presidente e boa parte de seus auxiliares foram aprisionados e posteriormente executados. A este golpe seguiu-se brutal repressão, e Huerta assumiu a presidência, prometendo trazer a paz e a ordem ao país conflagrado (NUNES, 1980:79-81). Referindo-se claramente a estes fatos, *A Voz*, em março de 1913, disparava: “Se a intenção dos generais politicantes do México foi distrair, com o recente motim militar, o povo trabalhador da luta que este vem sustentando [...] enganaram-se quadradamente os tais generais”. E mais adiante: “A cáfila fardada da burguesia é impotente. Impotente

porque as fortalezas do Ideal são inexpugnáveis...” (A VOZ DO TRABALHADOR, 15/3/1913:3).

A política imperialista dos Estados Unidos no México, que em diversos aspectos contara com o apoio das elites dominantes do México e suas instâncias, como o governo derrubado de Porfírio Diaz, era objeto de denúncias na imprensa libertária carioca. Os jornais consultados alertavam contra os desejos de intervenção direta do governo norte-americano, constando das denúncias um alegado conluio com outros governos latino-americanos, incluindo o do Brasil. A este respeito, A Voz incitava os trabalhadores brasileiros à reação contra tal indignidade:

“E agora, que a intervenção da governança dos Estados Unidos (de acordo com a do Brasil e da Argentina, segundo notícias últimas) se anuncia como certa, agora é que se nos apresenta a oportunidade de cumprirmos o nosso dever, auxiliando aqueles nossos irmãos, e se não confirmando a obra deles, ao menos protestando e impedindo a premeditada intervenção”. (A VOZ DO TRABALHADOR, 01/2/1913:4)

No entanto, a intromissão da grande potência do norte nos assuntos de um país situado em seus flancos territoriais não deixou de se intensificar. Isto ocasionou novas acusações dos periódicos ácratas à prepotência e à hipocrisia dos governantes e da burguesia norte-americanos, como no caso da ocupação do porto mexicano de Vera Cruz por tropas estadunidenses, efetuada para, segundo opinou o comentarista com ironia, “civilizar os selvagens mexicanos e ampliar o mercado dos *trusts* do Free Country”. (A VOZ DO TRABALHADOR, 15/5/1914:3).

Mais do que por um papel meramente informativo, os periódicos anarquistas e sindicalistas revolucionários em geral pautavam-se pelo papel formativo da militância, educando os trabalhadores para a luta social. Nessa mesma linha, os grupos e indivíduos que editavam esses jornais, revistas e panfletos tomavam iniciativas por conta própria para ajudar os libertários mexicanos que participavam da revolução. Achemos um exemplo num informe do jornal *A Guerra Social*, de outubro de 1912, de uma subscrição em prol dos revolucionários, feita em Piracicaba, interior de São Paulo, que levantara a quantia de 14\$000, a qual seria entregue ao pessoal do jornal, e por meio dele seria repassada ao *Regeneración*, em Los Angeles, EUA (A GUERRA SOCIAL, 5/10/1912:2).

Idêntica à atitude dos redatores e editores desses periódicos, revela-se em suas páginas a reação dos militantes e simpatizantes do operariado radical organizado do Rio

e do Brasil. A *Voz*, em fevereiro de 1914 publicou, entre os demais documentos produzidos pelo 2º. Congresso Operário Brasileiro, uma “moção de solidariedade aos trabalhadores do México” (A VOZ DO TRABALHADOR, 01/2/1914:2). Uma manobra de combate à radicalidade da revolução mexicana, praticada pelos setores dominantes nos Estados Unidos, foi a insistente perseguição aos membros do Partido Liberal refugiados nesse país, principalmente aos editores do seu órgão oficial. As manifestações de cunho libertário, de repúdio a essa perseguição e de solidariedade a Ricardo Flores Magón, principal expoente do Partido Liberal, e a seus companheiros, se apresentaram sob a forma de manifestos, subvenções e protestos nas ruas. Caso de militante anarquista que atendera ao apelo por ajuda dos magonistas, logo no início da revolução, é o do português Neno Vasco; ainda residente no Brasil, recebera a incumbência de reunir donativos para remetê-los à “Junta Organizadora” do Partido Liberal. Mais tarde, indo fixar-se em Lisboa, transferiu a tarefa para Edgard Leuenroth, tipógrafo e jornalista relevante do movimento anarquista em São Paulo, enquanto se encarregava das doações recolhidas em Portugal (RODRIGUES, 1993, p.138). Para apresentar mais um exemplo, este constando de um dos jornais consultados, destacamos o ato do Centro de Estudos Sociais do Rio e do Grupo Operário de Estudos Sociais Germinal, de Niterói, enviando ao presidente dos Estados Unidos um protesto contra a detenção, na penitenciária de Mac Neil Island, de Ricardo e Enrique Flores Magón, Anselmo Figueroa e Librado Rivera. (A VOZ DO TRABALHADOR, 01/5/1913:3). Incorporando-se a uma movimentação internacional em favor destes e de outros presos, organizavam-se listas para financiar a defesa judicial dos perseguidos em solo norte-americano.

Observando-se as edições dos dois jornais, percebe-se nos primeiros anos (1911 e 1912) uma forte presença da Revolução Mexicana nas matérias, principalmente n’A *Guerra Social*. É uma novidade que provoca grande entusiasmo. Mais tarde, contudo, o espaço que as notícias da guerra civil e das iniciativas revolucionárias no México costumavam ocupar diminui. Outros assuntos aparecem ou, já existentes, ganham mais relevo, nesse momento n’A *Voz do Trabalhador*. As principais razões para o declínio do destaque da Revolução Mexicana parecem se dever a outras questões que diante do movimento operário revolucionário vão ganhando mais urgência. Mais ou menos coincidentemente, essa alteração corresponde a uma periodização, detectada por Boris

Fausto, de fases de maior ou menor mobilização do movimento operário (FAUSTO, 1983:133). Ele registra, por volta de 1912, a passagem de uma fase de descenso, iniciada em 1909, para outra, de retomada relativa de impulso por parte do movimento, que se estenderia até meados de 1913. Combinando-se estes dois dados, pode-se supor que o aquecimento das atividades locais da militância operária a levava de encontro a questões do contexto brasileiro – levando-se em conta que, na época, esse contexto concentrava-se em grande medida no eixo Rio-São Paulo – que no momento, ou ofereciam melhores condições de enfrentamento, ou tornavam-se mais prementes pela própria dinâmica dessa retomada. Uma delas é a necessidade de enfrentar a lei de expulsão de estrangeiros indesejáveis, a lei Adolfo Gordo, promulgada em 1907, e claramente voltada contra trabalhadores engajados imigrados no Brasil. Outra tem a ver com as perseguições aos trabalhadores organizados em países platinos (BEIRED, 1984:24-30), cuja proximidade geográfica, contatos mais estreitos e vicissitudes assemelhadas às do proletariado brasileiro naturalmente atraíam maior atenção da militância anarquista em nosso país. Por último, e também muito importante, é a aproximação da Primeira Guerra Mundial, cujo início na Europa passa a ocupar bastante espaço nas preocupações dos editores, inclusive por seus reflexos no nosso país. Assim, a partir mais ou menos do final de 1912, e nos seguintes anos, a revolução no México passa a ser bem menos referida, cedendo lugar a questões mais urgentes e próximas ao proletariado brasileiro dos anos 1910.

Assim, pudemos constatar, investigando as relações entre o anarquismo brasileiro e o grande evento mexicano, no decorrer da luta revolucionária consubstanciada na guerra civil, laços de simpatia dos militantes libertários do Rio para com os do México, e um apoio que apontava para uma solidariedade de classe disposta a afrontar obstáculos e limitações para se manifestar, em atos concretos de apoio. Através das fontes jornalísticas, utilizando algumas outras como apoio e esclarecimento, comprovamos que a imprensa ácrata no Rio dos anos 1910 deixou-nos testemunhos, não apenas da impressão que a luta no México causava nos espíritos revolucionários residentes na então capital federal do Brasil, como de uma atividade de ajuda, extensiva ao movimento, pela ação de militantes e simpatizantes.

Referências Bibliográficas

Periódicos:

A GUERRA SOCIAL. Rio de Janeiro, 1911-1912.

A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, 1908-1909/1913-1915.

Outros:

BEIRED, José Luis B. *O movimento operário argentino; das origens ao peronismo (1890-1946)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 3ª. ed. São Paulo:Difel, 1983.

FOOT, Francisco & LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos vinte)*. São Paulo: Global, 1982.

LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

MAGÓN, Ricardo Flores. *A revolução mexicana*. Seleção e tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo/Rio de Janeiro: Imaginário/Nu-Sol/Instituto de Estudos Libertários, 2003.

NUNES, Américo. *As revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

RODRIGUES, Edgar. *Os libertários*. José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fabio Luz. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

SAMIS, Alexandre. “Apresentação”. In: Magón, Ricardo Flores. *A revolução mexicana*. Seleção e tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Libertários, 2003.

VÁRIOS. *História do movimento operário revolucionário*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas; vol.2: o movimento*. Trad. Julia Tettamanzy e outros. Porto Alegre: L&PM, 2006.